

SESI
CULTURAL
DIVERSÃO QUE TRANSFORMA.

NOS CAMINHOS DA CULTURA

Como o Sesi Cultural
está transformando
a realidade das cidades.

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA

Presidente do Sistema FIRJAN

ALEXANDRE DOS REIS

Diretor Regional do SENAI-RJ e Diretor Superintendente do SESI-RJ

LUIZ ERNESTO DE ABREU GUERREIRO

Diretor de Qualidade de Vida

ANTENOR JOSÉ DE OLIVEIRA NETO

Gerente de Cultura e Arte

FICHA TÉCNICA CONTEÚDO

Coordenação de conteúdos
e texto de introdução

Eliane Costa

Textos dos projetos

Mayra Jucá

Imagens

Acervo SESI Cultural

Projeto Gráfico

**Gerência de Comunicação de
Marketing do Sistema FIRJAN**

Realização

SESI Rio

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ana Flavia Pedrosa

Antenor José de Oliveira Neto

Antônio Carlos Boechat

Bianco Marques

Coletivo Teatral Sala Preta

Danilo Nardelli

David Cunha

Fabiana Scherer

Fábio Santini

Felipe Coquito

Fernando Vitorino

Leonardo Minervini

Luiz Fernando Crespo Rossi

Marcelo Bravo

Martha Lucia Figueiredo Salim Almeida

Olga Acosta

Rafael Crooz

Rafael Motta

“Seu” Sapim

Suzana Zana

Zecarlos Moreno

APRESENTAÇÃO

Em 2004, o SESI Rio criou seu programa de cultura com o objetivo de identificar oportunidades no mercado cultural do estado do Rio e atender às demandas da indústria e da comunidade no setor. Começava então um intenso trabalho de fomento à produção cultural, formação de plateia, promoção de novos artistas e profissionais ligados à área, experimentações e fortalecimento de economias criativas locais.

Com esses compromissos e centenas de ações realizadas ao longo dos anos, o SESI Rio se tornou uma referência no cenário cultural do estado. O sucesso de seu programa mostrou a necessidade de unificar todas as ações através de uma identidade que definisse sua abrangência. Assim nasceu o SESI Cultural.

Nesta publicação são apresentados quatro projetos, todos eles inteiramente inseridos nos preceitos do SESI Cultural. Ambos destacam-se por um objetivo em especial: o desenvolvimento de regiões com potencial criativo no estado do Rio.

São eles: o Festival de Chorinho e Sanfona de Rosal, que resgata a musicalidade e movimentada a economia de Bom Jesus do Itabapoana e região; o Nasce uma Cidade, que inova a forma de apresentar ao público a história de Barra Mansa por meio de intervenções urbanas; o Rede Criativa, um espaço de convergência e cocriação da classe artística nos territórios; e o X-Tudo, que acontece em toda a rede de teatros SESI com o objetivo de promover artistas locais.

A seguir, o resultado do brilhante trabalho de Eliane Costa e Mayra Jucá, mestres em Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e responsáveis por pesquisar, reunir e escrever todo o conteúdo mostrado nesta publicação. Nas próximas páginas, a dupla apresenta um perfil detalhado de cada projeto, enquanto aponta os desafios contemporâneos da gestão cultural.

Boa leitura!

**Gerência de Cultura e Arte
Sistema FIRJAN**



INTRODUÇÃO

GESTÃO CULTURAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

São complexas as demandas que hoje se apresentam à gestão cultural, tanto na esfera pública, quanto no âmbito das empresas e fundações que patrocinam projetos culturais. Se a concepção e a gestão de políticas públicas exigem o enfrentamento do tamanho continental de nosso país e de suas disparidades regionais, não é fácil também, ao gestor cultural corporativo, desenvolver uma atuação que leve em conta, de um lado, o planejamento, a comunicação estratégica e as prioridades negociais de sua organização, e de outro, os desafios que estão postos à cultura no século XXI.

Falamos aqui de uma gestão cultural privada, mas de interesse público – aquela que procura conjugar uma ação que é, essencialmente, de comunicação de marca, como o patrocínio cultural, com as premissas da chamada cidadania corporativa, de maneira que essas duas visões não apenas se complementem, mas mutuamente se potencializem.

A gestão cultural contemporânea exige vocação, vontade, habilidade e qualificação, além de uma compreensão audaciosa, generosa e contemporânea do campo da cultura e das políticas culturais, que, ao mesmo tempo, leve em conta as potencialidades e a diversidade dos territórios. A atuação do gestor cultural parte, em primeiro lugar, de seu próprio entendimento de cultura. É essa compreensão que vai orientar as escolhas que são inerentes à sua atuação cotidiana.

Entretanto, a noção de cultura é extremamente complexa. Trata-se de uma palavra escorregadia, utilizada em diferentes campos do saber com significados diferentes e até antagônicos. Em 1952, os antropólogos americanos Kroeber e Kluckhohn listaram para ela 164 diferentes sentidos, enquanto, nos anos 70, outro autor, A. Moles, chegou a uma lista com mais de 250 possíveis significações.

Com as aceleradas mudanças vivenciadas nas últimas décadas, é de se supor que essa relação só tenha feito aumentar.

A ideia de cultura passou por múltiplas mutações. De cultivo da terra, passou, mais tarde, a representar a lavoura do intelecto, a plena realização das potencialidades de alguém. Na França iluminista do final do século XVIII, mediu o grau de progresso de uma sociedade, sob um critério de evolução em linha única que ia da barbárie à civilização – esta, definida na perspectiva etnocêntrica dos que se autointitulavam como os civilizados. Dessa concepção de cultura no singular, como acúmulo de conhecimento para o refinamento do espírito, passou-se mais adiante à compreensão da diversidade das culturas e à consequente luta pelo reconhecimento de seus respectivos direitos culturais.

A ideia de acúmulo – de conhecimentos, de valores espirituais, de comportamentos refinados – mais tarde cedeu lugar a uma concepção mais ampla, de inspiração antropológica, que passou a tratar cultura como todo o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, aí incluídos o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, os modos de vida, os costumes e as capacidades adquiridas pelos indivíduos como membros de uma sociedade.

É sob essa ótica ampliada que a cultura vem sendo abordada nas políticas públicas brasileiras recentes – como o conjunto dos saberes, dos fazeres e dos querereres de um povo. Abarcando toda a expressão humana em todas as suas formas. Passado, presente e futuro. Incluindo as artes e as letras, porém sem a elas se restringir. Cultura, enfim, como processo, não somente produto. Uma definição tão ampla de cultura certamente coloca novos desafios à sua gestão.

Nos últimos 30 anos, vem se consolidando essa conceituação ampliada de cultura, registrada inicialmente no documento que resultou da Mondiacult, conferência da Unesco realizada no México, em 1982:

“Em seu sentido mais amplo, a Cultura pode hoje ser considerada como o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Ela engloba, além das artes das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”.

No Brasil, cultura já foi identificada como “a cereja do bolo”, o enfeite final. Nos últimos anos, no entanto, mostrou-se evidente a potência transformadora que sua centralidade nos caminhos do desenvolvimento do país pode disparar. Suas dimensões – simbólica, cidadã e econômica – passaram a ser vistas como complementares e indissociáveis na elaboração das políticas culturais, bem como suas diferentes transversalidades com o meio ambiente, com a educação e com os novos paradigmas de expressão, de produção, circulação e consumo cultural, além do acesso ao conhecimento que emergem do contexto das redes e tecnologias digitais.

Outro grande desafio com o qual se depara o gestor cultural é a própria cena brasileira do fomento à cultura, excessivamente centrada nas leis de incentivo. Nesse quadro, em que o recurso público (da renúncia fiscal) é majoritariamente mobilizado por escolhas privadas (das empresas patrocinadoras), não é de se estranhar que o mecenato venha priorizando, nos últimos 20 anos, os projetos midiáticos e alguns dos bairros dos grandes centros urbanos, onde estão as empresas patrocinadoras, as produtoras e o próprio público com maiores condições de acesso ao consumo cultural, sedimentando um contexto de distorções e desigualdades.

Falar de patrocínios, incentivados ou não, é falar de escolhas. Não apenas na decisão quanto a apoiar, ou não, um projeto específico. Mas escolhas anteriores, aquelas que definem o posicionamento de uma organização no mercado, e que, mais adiante, irão pautar suas estratégias de comunicação. Estas, por sua vez, alimentarão as escolhas de patrocínios, desde a definição das áreas foco, até as decisões pontuais sobre investir ou não em um projeto específico.

Sendo o patrocínio uma das ferramentas da comunicação empresarial integrada, qualquer ação nessa atividade deve refletir as escolhas prévias já tomadas com relação à identidade, ao posicionamento de marca e às metas estratégicas da organização. Quem são seus públicos prioritários e que valores ela deseja comunicar são perguntas cujas respostas precisam anteceder a decisão sobre o que patrocinar. São esses parâmetros que vão orientar e, conseqüentemente, distinguir a ação das diferentes instituições nessa atividade.

É natural, portanto, que as estratégias de uma empresa que defende ferozmente sua participação em um mercado altamente competitivo sejam distintas de outra

que busca agregar valor à sua marca em uma perspectiva de longo prazo. Se o segmento dos grandes eventos, com artistas famosos e forte apelo midiático, poderia ser uma boa alternativa para a primeira, a preservação de acervos significativos da cultura brasileira se mostraria mais adequada às necessidades da segunda. Entre esses dois extremos, cabem, evidentemente, infinitas outras escolhas; o importante é ressaltar que o patrocínio pode estabelecer horizontes para além de uma perspectiva imediatista sobre o mercado.

Integrado às demais ferramentas que compõem o mix da comunicação, o patrocínio permite que a organização se comunique a partir da associação de sua própria marca a projetos e, por extensão, aos valores que estes portam. Mas essas escolhas deverão, obrigatoriamente, fazer sentido para os públicos que lhe são caros.

De uma maneira mais ampla, as escolhas de patrocínio devem buscar ressaltar atributos de identidade da organização, potencializar admiração, gerar espaços de relacionamento, atuar sobre alertas apontados em pesquisas, além de, eventualmente, otimizar sua gestão tributária, no caso de recursos afetos às leis de incentivo.

No entanto, a maximização de visibilidade da marca e a otimização do usufruto de benefícios fiscais não devem ser as únicas variáveis a serem ponderadas quando uma corporação atua no incentivo a projetos culturais. Uma política de patrocínios precisa dialogar com uma complexa gama de questões, que envolve sustentabilidade, democratização do acesso às verbas, descentralização regional e diversidade étnica e cultural. Deve, também, atuar em sintonia com a cena contemporânea: novos protagonistas que se integraram nos últimos anos ao tecido cultural brasileiro, novos arranjos produtivos, novas tecnologias sociais, novos paradigmas suscitados pela cultura das redes.

Fica claro, assim, que o patrocínio não se limita (ou não deveria se limitar) a um conjunto de ações pontuais ou voluntárias do patrocinador - falamos aqui de um potente instrumento de comunicação e de gestão. Nos últimos anos, a compreensão das potencialidades do patrocínio passou a requerer uma abordagem mais complexa dessa ferramenta de comunicação, por vezes ainda entendida de forma simplista (embora nem sempre ingênua), como um mero repasse de recursos. Isso exige das organizações uma maior sistematização de sua ação de patrocínios, incluindo a adoção de mecanismos de gestão democrática

da demanda (editais de seleção pública de projetos, por exemplo), bem como o refinamento de seus processos e controles, ao lado da qualificação de seus técnicos e gestores.

Como vimos, a associação “patrocinador-projeto” não é aleatória, nem meramente intuitiva, mas deve representar a percepção de afinidades. E isso começa a ser compreendido tanto pelas corporações quanto pelos patrocinados, que, nos últimos anos, buscam espaços de profissionalização/qualificação para suas atividades. Uma providência que certamente será positiva para todos.

Por outro lado, como destaca o pesquisador Rômulo Avelar em seu livro *O avesso da cena* (2008), o marketing cultural como o conhecemos começa a dar sinais de fadiga, após mais de duas décadas de intensas trocas mediadas pelo incentivo fiscal: “O patrocínio cultural nos moldes tradicionais vai se tornando, aos poucos, mais um canal saturado de comunicação, entre tantos outros. A simples exposição de uma marca a partir de critérios meramente mercadológicos já não basta para que a empresa obtenha ganhos consistentes e duradouros para sua imagem institucional”.

É aqui que entra em cena a questão da reputação da marca, patrimônio intangível cada vez mais valioso das organizações. Como aponta Charles Fombrun, presidente e fundador do Reputation Institute, trabalhar por reputação consiste em alinhar o que uma organização é com o que faz e o que diz. De acordo com Fombrun, “a reputação corporativa ou empresarial decorre da percepção da identidade, posicionamento e da qualidade das relações da empresa com seus públicos, formadas ao longo do tempo. Representa a reação afetiva ou emocional, boa ou má, fraca ou forte, do público interno e externo em relação às práticas da empresa a longo prazo”.

O diálogo das empresas com a cultura não deve se restringir ao patrocínio cultural: essa relação “deve incluir todas as relações humanas no ambiente organizacional, as dinâmicas de convivência com as comunidades onde a organização se faz presente e a co-responsabilidade pelo desenvolvimento cultural da sociedade onde ela desenvolve suas atividades mercantis”, como registra Leonardo Brant em *O poder da Cultura* (2009). Procurando evitar o foco restrito às políticas de marketing, o mesmo autor defende a perspectiva que identifica como investimento cultural privado, a evolução que considera necessária para que as corporações construam e consolidem de modo mais profundo a relação entre

cidadãos, empresas e a produção cultural.

Nesse contexto, é de se saudar com entusiasmo a atuação do Sistema FIRJAN, através do SESI Cultural, de cujo portfólio selecionamos os quatro projetos que compõem a presente publicação. Destacando-se na cena cultural pelo financiamento direto (isto é, sem a utilização das leis de incentivo) que aporta aos projetos patrocinados, a instituição atua com base em diretrizes culturais consistentes que enfatizam as expressões: transformação, diversidade, desenvolvimento e ampliação do alcance regional; propondo-se a desenvolver sua atuação através da formação de públicos, da promoção de novos artistas e profissionais da cultura, do fomento a novas experiências e linguagens culturais, bem como do fortalecimento de manifestações culturais e economias criativas locais que se desenvolvem em pequenos municípios ou nas periferias de grandes cidades.

Como se pode perceber nos projetos que aqui serão apresentados, o apoio da instituição não é aplicado de forma indiferenciada a artistas, grupos, cidades e culturas diversas, mas, ao contrário, leva em conta suas singularidades, seus saberes e fazeres, suas “artes de viver”, nas palavras de Edgar Morin.

Tratando de globalização e diversidade cultural, o economista e pensador de origem marroquina Hassan Zaoual elabora uma “teoria do local, em dialética com o global”, inspirada no que ele define como “sítios simbólicos de pertencimento”, algo que acumula tanto o sentido geográfico (bairro, região, cidade, país), quanto o simbólico, no qual atores sociais criam soluções originais para seus problemas. Dessa forma, à medida que cresce o global também se amplia o sentimento do local.

Milton Santos, o mais reconhecido geógrafo brasileiro, também chama a atenção para a “força do lugar”, no contexto de uma globalização tecnológica na qual o centro pode estar a muitos quilômetros de distância e a periferia pode abranger todo o planeta. A noção de território está ligada à apropriação social do espaço, guardando assim tanto uma dimensão material quanto simbólica, isto é, aquilo que confere um sentido ao espaço. O território é, portanto, nas palavras do autor, o “território usado” – o chão somado à identidade. O fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

É exatamente essa compreensão ampliada das potências do território que se

percebe, por exemplo, no apoio do Sesi Cultural ao Festival de Chorinho e Sanfona de Rosal, cuja reunião de avaliação pelos moradores da pacata cidadezinha teve o privilégio de presenciar. Ao lado do evidente comprometimento de praticamente todos os moradores do lugarejo, me chamou especial atenção a dimensão do afeto e da cumplicidade presentes na relação entre patrocinador e patrocinado, algo que ultrapassa os termos meramente formais do patrocínio.

Nesses desdobramentos, e em conversas informais com diferentes personagens locais, não foi difícil perceber o impacto do festival na autoestima dos moradores de Rosal, em sua articulação interpessoal, bem como nas novas formas de diálogo que passaram a ter com sua cidade. Ficou evidente também o engajamento dos comerciantes e prestadores de serviços com a economia e o desenvolvimento locais, assim como o sentimento de pertencimento que irmanou plateias, poder público e músicos que por ali passaram.

A compreensão da potência do território também inspirou o patrocínio ao projeto Nasce uma Cidade, em Barra Mansa, criado pelo jovem coletivo Sala Preta, que promove um evento coletivo, cívico, épico e muito criativo pelas ruas da cidade. A manifestação, que chega a envolver 500 pessoas, tem como objetivo valorizar a história local, mobilizar os moradores a festejar o pertencimento ao lugar onde vivem e ampliar conexões.

O apoio à iniciativa traduz ainda a sensibilidade do Sesi Cultural para com os novos arranjos produtivos que nos últimos anos vêm emergindo na cena da cultura e da economia criativa, evidenciando uma visão contemporânea e atenta ao novo cenário das redes e dos arranjos coletivos, abertos e colaborativos do século XXI.

A perspectiva das conexões está presente também na Rede Criativa Sesi Cultural, que teve sua origem no Teatro Sesi Caxias, na Baixada Fluminense, e hoje já se expande para a Zona Oeste e para o Norte Fluminense, tendo como proposta o “desenvolvimento cultural, local e plural”. A iniciativa partiu da ideia de que a apropriação simbólica de um teatro pelos artistas do entorno poderia catalisar sua mobilização em rede, inserindo, por esse caminho, o equipamento cultural no cotidiano de artistas e moradores de toda uma região.

O palco de “um teatro de verdade” é determinante para um artista iniciante, periférico, ou mesmo para artistas consagrados hoje fora do mercado.

Assim, abrindo sua agenda a quem precisava ensaiar, se apresentar ou apenas conversar, o teatro tornou-se, antes de tudo, um espaço de agregação, mobilização e articulação de parcerias com escolas, poder público, comerciantes e empreendedores criativos locais. Mais uma vez, a cultura presente como eixo central de desenvolvimento e dinamização de territórios.

Também evidenciando a sensibilidade do Sesi Cultural para iniciativas coletivas que se desenvolvem fora do eixo de maior visibilidade da cultura fluminense e nacional, temos, como quarta iniciativa apresentada nesta publicação, a realização do X-Tudo Sesi Cultural. Reunindo produções periféricas ao lado de manifestações já reconhecidas, o projeto ressalta a diversidade cultural, propõe encontros, proporciona visibilidade e instiga transgressões de linguagens e fronteiras geográficas, investindo não só na formação de plateias, mas em sua circulação pela cidade e pelo estado.

No ano 2000, o pesquisador australiano Jon Hawkes lançou o estudo “O quarto pilar da sustentabilidade: o papel essencial da cultura no planejamento público”. Desde então, a questão vem se consolidando em inúmeros fóruns internacionais – afinal, as mudanças climáticas e os desafios ambientais se relacionam diretamente com mudanças profundas na vida das pessoas e das sociedades.

Nesse processo, a cultura vem sendo entendida como peça fundamental entre os pilares da sustentabilidade, como instrumento de reflexão sobre o passado e planejamento do futuro. Nesse contexto, o empreendimento sustentável passa a ser aquele que é ecologicamente correto, economicamente viável e socialmente justo, mas que também incorpora uma visão contemporânea sobre cultura e diversidade cultural.

Os exemplos aqui mencionados, devidamente aprofundados nas próximas páginas, compõem uma singela amostra do papel da cultura como vetor de desenvolvimento, perspectiva que é central na missão e na visão do Sesi, o que demonstra a necessária sintonia entre o planejamento estratégico da instituição e as escolhas de sua gestão cultural.

Uma organização é, ela mesma, um fenômeno cultural: tem suas crenças, rituais, leis, práticas e tradições. Deve, portanto, se reconhecer como um organismo vivo movido pelos valores que compartilha com seus públicos.

Eliane Costa



Foto: Roulien Boechat (5ª Edição – 2015)

FESTIVAL DE CHORINHO E SANFONA DE ROSAL

“A cidade respira música.” “A cidade transpira cultura.” “A cidade é o palco.” “A cidade faz um festival.” Essa cidade que é sujeito em tantas frases se chama Rosal. Distrito de Bom Jesus do Itabapoana, um pequeno município do estado do Rio de Janeiro, na divisa com o Espírito Santo. Rosal tem praticamente uma única rua. É um lugarejo, uma vila, mas que ocupa um território imenso no coração de muita gente. E Rosal preenche este espaço, ao menos uma vez por ano, com música.

Se a potência de uma cidade é medida pelo que ela produz, pode-se dizer que Rosal é potente principalmente pelo seu Festival de Chorinho e Sanfona. Mas o tamanho do festival, a qualidade da programação, o número de pessoas que atraindo ou os recursos que injeta na economia local não são o que mais impressiona no evento. O que parece mesmo inusitado é a maneira como a cidade inteira – sua população, seus pequenos comércios, seus serviços públicos e seus artistas – se envolve em todo o processo, e como sem esse engajamento comunitário a produção não seria possível.

Rosal não possui nem de longe a infraestrutura necessária para receber um festival por onde circulam seis mil pessoas, para quem mais de duas dezenas de músicos se apresentam ao longo de dois dias. As duas únicas pousadas do local logo ficam lotadas, mas os moradores resolvem o problema oferecendo vagas ou suas casas inteiras para aluguel. Na última edição, foram 33 casas alugadas. Também não há restaurantes suficientes para alimentar tanta gente, por isso os moradores oferecem os pratos da culinária local em tendas montadas numa praça de alimentação organizada para o evento. Mesmo em um dia comum, essa prontidão solidária está presente entre os habitantes de Rosal. Se os petiscos do bar de seu Sapim acabam, a festa continua. Os vizinhos levam salgadinhos de casa e degustam com a cerveja vendida ali. “Até peixe pra fritar já me trouxeram, e eu frito!”, diz ele, sorrindo.

Seu Sapim não tem do que reclamar. Um relatório da Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Cultura do município de Bom Jesus do Itabapoana contabiliza que em 48 horas, na edição de 2014, o festival movimentou R\$ 600 mil. Comerciantes, produtores e artesãos venderam mais de R\$ 90 mil, sem contar as receitas de serviços como hospedagem e transportes. São números relevantes, considerando-se as dimensões do território. A quarta edição foi a primeira em que o Festival atraiu uma proporção alta de turistas, vindos não só de municípios vizinhos, mas também de cidades mais distantes.



Foto: Roulien Boechat (5ª Edição – 2015)



Foto: Roulien Boechat (5ª Edição – 2015)



Foto: Roulien Boechat (5ª Edição – 2015)



Foto: Roulien Boechat (5ª Edição – 2015)

IDEIA COLETIVA

O Festival vem crescendo a cada nova edição, e sempre surpreendendo com os sinais de que ainda há potencial a ser desenvolvido. Parece consenso, entre todos os envolvidos, que a iniciativa está ganhando destaque e se tornando um dos pontos altos do calendário local. É o que confirma o depoimento de Antônio Carlos Boechat, presidente da Representação Regional FIRJAN/CIRJ Noroeste Fluminense:

“A atuação do Sistema FIRJAN, por intermédio do Sesi Cultural, na realização do Festival de Chorinho e Sanfona de Rosal, só vem a contribuir para consolidá-lo como um dos principais eventos culturais da região. Além de preservar as raízes musicais do chorinho e da sanfona, sobretudo junto às novas gerações, o Festival torna-se, a cada ano, um importante meio para movimentação da economia local. É um grande estímulo para a geração de emprego e renda na comunidade. Mais que oferecer música de qualidade, nosso objetivo é explorar as potencialidades locais e o turismo, trazendo retorno financeiro satisfatório para a população e desenvolvimento sustentável para o distrito”.

O estímulo e a mobilização da comunidade parecem extrapolar a dimensão econômica e englobar também a cidadã. Na reunião de avaliação realizada após o evento, por exemplo, a falta de vagas de estacionamento foi motivo de reclamação geral. O trânsito de Rosal, que no resto do ano é inexistente, ficou um caos. Como solucionar a questão? Um morador fez as contas de cabeça e concluiu que em seu quintal poderia acomodar 10 carros. Outro seguiu o exemplo e surgiram mais 12. Em pouco tempo, já se tinha uma lista com possíveis estacionamentos que acomodariam os veículos e trariam mais uma renda extra para várias famílias. A própria comunidade resolvia, assim, um assunto que a Prefeitura poderia ter levado bem mais tempo e recursos para solucionar.

Quando se pensa em indústria criativa e em economia da cultura, logo se imagina uma atividade cultural – como no cinema, teatro, música – envolvendo profissionais do meio, entre artistas e técnicos, cujo trabalho irá gerar um produto que será consumido por um público. A população de uma cidade é geralmente enquadrada na categoria “público”, associada à fruição, ao consumo e a uma série de benefícios indiretos. Mas será possível associar a autoria a um território? No caso do Festival de Chorinho e Sanfona de Rosal parece que sim. O Festival é, de fato, uma criação e um produto da cidade. Quando perguntamos sobre sua história, ouvimos que ele surgiu como uma ideia, e só depois se tornou um projeto. E não há nenhum indivíduo que reconheça, e muito menos dispute, a “paternidade” da ideia ou do projeto do Festival.

“A ideia de um festival era coletiva, mas a elaboração de um projeto só aconteceu em 2009”, explica Olga Acosta, chefe de cultura do Sesi Itaperuna. O autor do projeto foi o então titular da Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Cultura de Bom Jesus, Sávio Sabóia. Mas, por conta de obstáculos ora financeiros, ora burocráticos, ora políticos, o primeiro Festival de Chorinho e Sanfona de Rosal só sairia do papel em 2011. Além da Prefeitura, uma ONG e um Ponto de Cultura chegaram a assumir a responsabilidade institucional pela iniciativa. Mas foram principalmente as atitudes individuais, de pessoas como Martha Lucia Figueiredo Salim Almeida, para quem o Festival se tornara uma “questão de honra”, que fizeram daquela ideia coletiva uma ação concreta.





“O primeiro ano foi muito informal, foi um lançamento, junto com a festa da cidade”, conta Martha, hoje diretora cultural do Festival. “Era uma tenda, um dia só. Colocamos uns três ou quatro grupos de chorinho (atrações locais), era de dia e encerrava às oito horas da noite, depois começavam os shows no palanque da festa. Foi mais para apresentar a proposta. Depois o segundo ano teve uma estrutura um pouco melhor, depois melhorou um pouquinho mais... Na terceira edição o SESI fez um patrocínio pequeno, de apenas um show, e na quarta (em 2014) o evento contou com a parceria com o Sistema FIRJAN na realização como um todo.”

Quando o chefe de Divisão da Gerência de Cultura e Arte da FIRJAN, Antenor José de Oliveira Neto, esteve em Bom Jesus do Itabapoana para conhecer a proposta, ouviu do secretário Sávio Sabóia da Fonseca, autor do primeiro projeto do Festival, que a Prefeitura desejava ser parceira do executor, mas que a FIRJAN deveria se apropriar do projeto para garantir sua sustentabilidade. A preocupação era que a alternância de mandatos no município colocasse em risco a realização do evento no futuro.

O fato é que os próprios envolvidos na produção hesitam ao confirmar quem é o principal responsável, quem executa e quem apoia. Na mídia local e na internet, encontram-se referências tanto ao SESI quanto à Prefeitura como responsáveis pelo evento, e também a ambos como apoiadores, o que não causa qualquer conflito. Mais uma pista de que o Festival é fruto de um desejo compartilhado por indivíduos e instituições, sociedade civil e poder local.

A própria fala da prefeita Branca Motta confirma: “Neste quarto ano de festival [2014] o crescimento é visível. Isso é resultado do trabalho conjunto para que o evento ultrapasse, cada vez mais, os limites de Bom Jesus” (depoimento publicado no site da Prefeitura em 8 de setembro de 2014, sob o título “IV Festival de Chorinho e Sanfona leva milhares de turistas a Rosal e movimenta economia local”).

CIDADE FESTEIRA

Quando Martha comenta a primeira edição do Festival em 2011, destaca que foi uma tenda dentro de um outro evento tradicional do lugar, conhecido como “Festa da cidade” (como dizem os moradores) ou a “Festa de Rosal” (como chamam os “de fora”). Trata-se de uma atração já registrada na agenda do Mapa da Cultura do estado do Rio de Janeiro, onde é descrita assim:

“O distrito mais charmoso de Bom Jesus do Itabapoana fica no alto de uma serra, a 40 quilômetros do Centro: Rosal. Lá, desde 1969, os moradores se reúnem, durante três dias, em uma confraternização que atrai gente de todas as idades. A Festa de Rosal acontece sempre em julho, bem pertinho do dia de Sant’Anna, a padroeira do lugar. O evento é uma oportunidade de reencontro entre os que, de alguma forma, têm sua história ligada ao distrito. A festa começa às sextas-feiras, com um baile que, hoje, recebe grandes orquestras, como a Cuba Libre, a Tabajara e a Corporação Musical Lira 14 de Julho, que há 90 anos anima as comemorações dos bonjuenses”.

Olga Acosta conta que a Festa de Rosal foi idealizada há mais de 40 anos pela poetisa Carmem Alt Boechat, conhecida como Tia Gê, para angariar fundos para a manutenção do Ginásio da Campanha Nacional de Escola da Comunidade. Mais um indício de que a mobilização comunitária e o gosto por festa estão no DNA do povo “rosalense”. Ao longo dos anos, o evento se tornou um marco no calendário afetivo dos moradores, ex-moradores, descendentes de moradores e vizinhos da região.

“A afinidade com Rosal faz com que as pessoas saiam e permaneçam ligadas emocionalmente a este lugar. A Festa de Rosal promove o Encontro do Rosalense Ausente’, que é um momento de rever velhos amigos e familiares. O Festival de Choro e Sanfona também já está inserido neste contexto, atraindo novas gerações”, explica Olga. Segundo ela, apenas em 2014 o Festival ultrapassou a Festa da Cidade em termos de porte da produção e público. Hoje, pode-se dizer que é o evento mais importante da agenda cultural do distrito.

“A Festa de Rosal se transformou em um evento popular, com uma mistura de vários gêneros musicais que se apresentam na praça, e tem como ponto alto o baile. O Festival é pensado para levar música de qualidade, proporcionando o encontro de várias gerações com o chorinho e a sanfona. São propostas diferentes. A Festa tem como objetivo a reunião de familiares e amigos, os demais efeitos são apenas uma consequência. Já o Festival de Chorinho e Sanfona foi idealizado com o objetivo de despertar o turismo na região através da cultura e, conseqüentemente, trazer resultados econômicos e sociais positivos para a população”, compara.

Os resultados positivos conquistados a partir do Festival vão além dos econômicos e sociais. Por exemplo, há o resultado musical traduzido no aumento do número de alunos nas escolas de música, de atrações locais nos programas das festividades da região, de projetos como o evento musical Relatório Final, e mesmo de novos conjuntos e instrumentistas, como o grupo Choro e Cia., com motivação confessa no sucesso do Festival.



“Uma cidade com cultura de banda”

Em entrevista gravada para um vídeo realizado durante o último Festival de Chorinho e Sanfona, o trompetista Silvério Pontes, uma das atrações de destaque da programação, comenta: “Rosal sempre teve uma cultura de banda. Maestros e músicos sempre vieram pra Rosal. Aqui tem tradição de música boa”. O músico sabe do que está falando, afinal ele mesmo, conforme divulga em seu blog pessoal, “teve sua formação em banda de música no interior”, e um interior não muito distante de Rosal: sua terra natal é Laje do Muriaé, a mais ou menos 60 km de distância de Bom Jesus do Itabapoana.

Segundo Olga, as festas da cidade desde o início contribuíram para levar música de qualidade a Rosal: “No Baile da Saudade, tradicionalmente se apresentam bandas importantes. Já passaram por lá Cassino de Sevilha, Tabajara, Anos Dourados, Cuba Libre, José Carlos Ligiéro e outras”.

Mas o berço da tradição musical de Rosal parece estar indiscutivelmente associado à Corporação Musical Lira 14 de Julho. Fundada em 1922, a Corporação é, segundo o Mapa da Cultura do Rio de Janeiro, “um dos maiores orgulhos do distrito de Rosal”:

“Regido pelo maestro Cely Tinoco de Oliveira, o grupo é composto por 20 músicos. Alguns deles até já se mudaram de Bom Jesus, mas voltam para Rosal sempre que a banda é requisitada. Com seu repertório de marchas e dobrados, a Lira 14 de Julho anima os eventos de várias cidades da região e é presença constante nas solenidades da prefeitura de Bom Jesus de Itabapoana. Além de defender sua música em encontros de bandas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, a corporação é conhecida por ter formado centenas de músicos locais e é uma das principais atrações da Festa de Rosal”, diz o texto no site do Mapa.

Não surpreende que, na última edição do Festival, a abertura oficial tenha contado com uma homenagem ao maestro Celi Tinoco de Oliveira que, prestes a completar 80 anos de vida, recebeu o reconhecimento público “por mais de seis décadas de dedicação à música no município”, como divulgado pela Prefeitura em reportagem pós-evento. A Corporação oferece aulas de música, assim como a Escola Municipal Luis Tito de Almeida, que mantém a Fanfara Rogério Figueiredo, presente também na abertura oficial em 2014.

Esta antiga tradição musical garante que as edições do Festival tragam um elenco repleto de músicos da região, com poucas atrações “famosas”. A proporção entre artistas locais e nomes reconhecidos foi de sete para um na segunda edição; nove para dois na terceira, e de onze para quatro na quarta. Todos os grupos escalados são remunerados. Olga acrescenta que há outras oportunidades para os músicos de Rosal além da Festa da Cidade e do Festival. O bar do Sapim, único com música ao vivo, funciona como espaço permanente de fruição. E há tradições como as apresentações no coreto da praça, nos cortejos fúnebres, na procissão de Sant’Ana e na Alvorada.



Foto: Roulien Boechat (5ª Edição – 2015)

Além de Rosal e Bom Jesus do Itabapoana, outros municípios do interior do estado são representados por seus artistas no Festival, como Miracema, distante 95 km de Rosal, de onde vieram os integrantes do grupo Academia do Choro na edição de 2014. A curadoria, como todo o processo, é participativa, aceitando inicialmente sugestões de todos os envolvidos, principalmente a comunidade. Numa segunda etapa, os organizadores realizam uma pesquisa sobre as indicações e fecham a grade levando em conta critérios de qualidade artística, viabilidade técnica e orçamentária.

Olga repara que o chorinho, assim como a sanfona, estão mais presentes nos repertórios e formações de conjuntos musicais da região desde a primeira edição do Festival. Se, por um lado, existem grupos já consagrados que se dedicam ao gênero, caso dos Chorões do Vale, por outro também é forte a tradição de dobrados, boleros e sambas canção, que marcam o repertório da Lira 14 de Julho, por exemplo; e do rock, também muito presente nos repertórios de bandas como a Horas Vargas.

Se, em Rosal, a população da cidade é ao mesmo tempo realizadora, atração e público, isso não diminui o impacto da experiência do visitante, do “forasteiro” que descobre seus encantos a cada evento. O sentimento de pertencimento logo se estende aos que chegam. “Participar do Festival como público foi uma experiência muito especial. Em pouco tempo você se sente acolhido e integrado ao lugar, onde os encontros, a boa conversa, a boa música e a harmonia prevalecem”, atesta Olga Acosta.

Fontes:

<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/corporacao-musical-lira-14-de-julho>

<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/festa-de-rosal>

<http://silveriopontes1.blogspot.com.br/>

<http://www.bomjesus.rj.gov.br/site/noticia-322>

Conheça a programação completa das quatro edições do Festival de Chorinho e Sanfona de Rosal:

Programação – 1º Festival de Chorinho e Sanfona

Academia do Choro – Miracema – RJ
Grupo Palafita – Macaé – RJ
Beto Travassos – Bom Jesus – RJ
Quarteto Regra Três – Campos – RJ
Grupo Amigos do Choro – Muriaé – MG
Encontro de Sanfoneiros – Bom Jesus – RJ

Programação – 2º Festival de Chorinho e Sanfona

Amantes da Arte – Bom Jesus – RJ
É Choro Uai – Santos Dumont – MG
Beto Travassos – Bom Jesus – RJ
Academia do Choro – Miracema – RJ
Sambachoro – Vitoria – ES
Grupo H2O – Vitoria – ES
Vinicius Fragoso – Bom Jesus – RJ
Daniel Gonzaga***

Programação – 3º Festival de Chorinho e Sanfona

Trio Açaí – Cachoeiro do Itapemirim – ES
Academia do Choro – Miracema – RJ
É Choro Uai – Santos Dumont – MG
Beto Travassos – Bom Jesus – RJ
Banda de Fanfara Prof. Rogério Figueiredo – Bom Jesus – RJ
Grupo 3 Elementos – Vitoria – ES
Grupo Regra 3 – Campos – RJ
Sanfonada com Rubinho do Acordeon, Eliseu do Vale, Sebastião Faber, Bino e Beto – Bom Jesus – RJ
Mirano Schuler – Vitória – ES
Dudu da Flauta e Trio***
Ronaldo do Bandolim e Quarteto***

Programação – 4º Festival de Chorinho e Sanfona

Fanfara Rogério Figueiredo – Bom Jesus – RJ
Abadart em Choro – Bom Jesus – RJ
Amantes da Arte – Bom Jesus – RJ
Sanfonada com Quarteto Sanfonado (Rubinho do Acordeon / Eliseu do Vale / Bino Leão da Sanfona / Beto Travassos) – Bom Jesus – RJ
Academia do Choro – Miracema – RJ
Três Elementos do Choro – Vitoria – ES
É Choro Uai – Santos Dumont – MG
Zé da Velha e Silvério Pontes***
Dudu Oliveira***
Marcelo Caldi***
Renato Borghetti***

*** Nomes consagrados.



Foto: Rafael Menezes

NASCE UMA CIDADE

Um grupo de atores decide sair da “zona de conforto” e criar um espetáculo diferente. Eles elaboram, coletivamente, um projeto cujo objetivo é tratar do pertencimento ao lugar onde vivem. Valorizar sua cidade natal, conhecer sua história, e recontá-la à sua maneira. O espetáculo é montado a céu aberto, em um cortejo pelas ruas de Barra Mansa, no dia do aniversário da cidade. Em média, 500 artistas tomam parte da encenação. O asfalto das ruas, os prédios e monumentos históricos, os transeuntes, os veículos, tudo o que está no caminho é cenário, é palco, é público. A cidade é ocupada pela trupe que dela se apropria para recriá-la. A cidade renasce pelo Nasce Uma Cidade.

Danilo Nardelli, um dos diretores artísticos do Coletivo Teatral Sala Preta, responsável pelo espetáculo, explica a proposta: “É um discurso que a gente vem trazendo, de trabalhar na cidade, assumir que a gente é de Barra Mansa, buscar o orgulho nisso e tentar fazer alguma coisa pela cidade onde a gente vive”.

O Nasce uma Cidade é uma ação múltipla. É formação, intervenção urbana, construção de memória, ato cívico, transgressão, pesquisa. Envolve diversas oficinas preparatórias, meses de ensaios, uma complexa logística, captação de apoios e autorizações para uso dos espaços públicos, e muita pesquisa teórica, histórica, musical e teatral.

A montagem acontece na forma de um “desfile cívico cênico”, sempre em outubro, mês em que se celebra a data de fundação da “vila de São Sebastião de Barra Mansa” e da “emancipação política e econômica do município”. O espetáculo percorre os principais pontos arquitetônicos, históricos e culturais da cidade.

O projeto estreou em 2010, superando as expectativas de reunir cerca de 50 artistas locais para uma adesão de mais 400. Em 2011, o sucesso se repetiu, mas o Coletivo fez uma pausa – no desfile, não na concepção do projeto – durante os anos de 2012 e 2013. A última edição, em 2014, marcou a retomada com dois dias de cortejo, e cerca de três mil pessoas foram atingidas direta ou indiretamente.

Só no desfile de 2014, o público estimado por dia foi de 450 pessoas, mais 180 alunos de oficinas, 600 visitantes (que assinaram o livro) da exposição montada como parte do programa, e ainda os artistas integrantes de grupos que se agregam ao espetáculo, como o Jongo de Pinheiral, o Coral Vozes de Ouro e o grupo Meninos do Batuque, entre outros. Só na primeira edição foram 26 “agrupações artísticas” envolvidas, segundo o site do projeto, que cresce a cada ano.

Ao longo de quatro horas, o desfile cênico percorre cerca de 2,5 quilômetros, passando por duas praças, uma ponte, três centros culturais, uma biblioteca, um casarão e uma igreja. Em cada locação, um trecho do espetáculo é encenado com tema, elenco e trilha sonora específicos.



Inspiração em artistas e obras da ou sobre a cidade

A inspiração para o Nasce uma Cidade vem, principalmente, do poema homônimo da mineira Lacyr Schettino, que “exalta as belezas de Barra Mansa sem perder o compromisso histórico, revelando documentos, ocupando monumentos e reconstruindo a memória cultural da cidade”, explicam os autores. Outra referência, que em 2014 é incorporada de modo visceral, é o artista visual Clécio Penedo, cuja obra foi apresentada ao grupo simultaneamente ao poema de Schettino, que ele ilustra.

O Coletivo Sala Preta, ao longo de dois anos de imersão em pesquisas, adotou como diretriz para o Nasce uma Cidade a postura antropofágica de inventar uma nova dimensão estética para a cidade a partir da digestão das referências de passado, de raízes nativas e históricas, e das questões contemporâneas que permeiam a vida da cidade, do país e do mundo. Assim como Clécio Penedo discute a invenção da nação tupiniquim em trabalhos onde o índio, figura onipresente, está sempre mesclado aos ícones do Brasil moderno, à estética do mundo industrializado e da cultura globalizada. Como na tela que mixa um bebê índio brasileiro mamando no seio de sua mãe e em uma garrafa de Coca-Cola.

Além dos desfiles cívicos, o grupo buscou referência nas festas populares, no teatro medieval itinerante e no teatro de rua contemporâneo para a criação do que chamam, em seu site, de um “acontecimento”.

O desenvolvimento do projeto já é, em si, um grande acontecimento. Os envolvidos discutem o conceito, a estética e todas as etapas da produção até o momento da montagem, em diversas reuniões. Depois, divididos em subgrupos, trabalham as cenas específicas distribuídas pelo circuito do desfile. Oficinas de música, atuação e canto são organizadas para a preparação do coro de atores, “espinha dorsal” do espetáculo. O processo envolve diversos projetos paralelos, o que torna cada edição uma obra absolutamente singular, com uma linguagem própria, como reflete Danilo:



Foto: Gabs Ramos

“Antes a gente ficava assim, tipo, ah eu sou ator e tô aí para trabalhos, quero ser dirigido e pá. É uma situação confortável até. Mas quando a gente toma as rédeas – o que que a gente vai fazer? O que que a gente quer dizer? Um grupo pensar junto o que quer criar – isso também é muito legal, porque a gente acaba criando uma linguagem própria enquanto grupo, criando uma poética”.

Um coletivo de artistas cidadãos e cidadãos artistas

O Coletivo Teatral Sala Preta foi fundado por um grupo de amigos que pretendiam pesquisar e experimentar as artes cênicas e especialmente o teatro de rua, a partir de um espaço democrático, onde as decisões fossem tomadas de modo horizontal, e não de “cima para baixo”, nas palavras de Rafael Crooz, um dos fundadores e coordenador do Nasce uma Cidade. Por isso, o grupo não possui apenas um diretor, mas vários, e todos possuem voz ativa sobre o processo de criação. O número de integrantes do núcleo central varia, tendo partido de quatro, chegando a 15, e se estabilizado em torno de oito pessoas.

A ideia de pertencimento é revisitada inúmeras vezes pelos integrantes do Coletivo. Marcelo Bravo, produtor do grupo, afirma em vídeo sobre o espetáculo que “todas as pessoas envolvidas no Nasce uma Cidade se sentem pertencendo a um grupo, pertencendo a uma cidade, pertencendo aos seus ideais e a suas crenças”. Esta visão da cultura como ferramenta para ativar o pertencimento foi responsável pela aproximação entre o projeto e o SESI Cultural:

“Não é fácil desenvolver um projeto que fale sobre algo tão específico, como a própria liberdade cultural em si, e promover a construção de uma rede cultural prática. Disso todos sabemos. Quando nos propusemos a debater a reconstrução da memória deste território plural e pioneiro, sentimos que seria necessário reinventar a história pública e, para isso, ampliar nossas conexões, navegar em todas as jangadas. Então percebemos que a FIRJAN já está comprometida em fazer, junto conosco, os usos públicos da história e sua função social”, analisa Rafael Crooz.

Assim como transcendem o espaço físico de um teatro, os jovens do Coletivo transcendem a estrutura tradicional de uma companhia teatral, e também a consciência de cidadania, através deste trabalho. “O Nasce uma Cidade é a culminância do processo de trabalho em rede. O resultado é uma cidade ocupada por seus cidadãos, que levantam a bandeira da arte como principal identidade e patrimônio do barra-mansense”, informam no site do projeto.

A parceria com a Prefeitura de Barra Mansa, uma constante desde a primeira edição, aponta para o caráter propositivo da iniciativa, que mesmo fugindo aos padrões e ousando em todas as suas atividades, mantém o objetivo central de divulgar (e recriar) a história da cidade, despertar o sentimento de pertencimento e provocar nos cidadãos um senso de compromisso com o futuro do espaço e da própria sociedade.

David Cunha, também diretor artístico e ator do Sala Preta, aborda uma resistência inicial que é compartilhada por muitos entre os integrantes do projeto: “Eu nunca acreditei muito na cidade, por ter sido um artista jovem, que começou a fazer teatro aqui, e sempre tive que lidar com muita dificuldade”. Mas a visão crítica sobre a cidade vai sendo trabalhada ao longo das reuniões e cedendo lugar à criação de um manifesto onde o questionamento passa pela arte, onde as mágoas não são suprimidas, mas extravasadas, e surge também o orgulho do pertencimento, pela via do exercício de uma cidadania ativa e criativa.



Foto: Gabs Ramos



Foto: Haroldo Carvalho Cruz Jr

“Para mim, no começo, parecia como uma espécie de puxa-saco de tudo o que estava errado. (...) Mas com o tempo, e com nossas reuniões, a coisa foi mudando de figura e eu passei a compartilhar as ideias que o espetáculo trazia, e também a subvertê-las, graças a Deus”, comenta a figurinista e atriz Suzana Zana, no mesmo vídeo.

A habilidade na composição de consensos entre os participantes do espetáculo se reflete também na amplitude da rede de parceiros conquistados. O Centro Universitário de Barra Mansa, por exemplo, integra a rede oferecendo diversas modalidades de apoio. “O UBM disponibiliza sua infraestrutura física e logística, seu capital intelectual e, ainda, patrocínios e apoios de diferentes naturezas. Um dos impactos diretos do Nasce uma Cidade é a integração entre diferentes segmentos da comunidade na construção e realização do projeto. Acadêmicos, professores, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, representantes do setor produtivo e educacional, órgãos públicos e organizações sociais, participam à sua maneira. É um evento de uma comunidade e não apenas de um grupo cultural”, atesta o diretor de Extensão e Relações Comunitárias da instituição, Fernando Vitorino.

De um espetáculo errante, nasce um espaço cultural

Uma companhia de atores exclusivamente dedicada ao espetáculo/desfile foi o primeiro fruto do Nasce uma Cidade. No site do Sala Preta, os fundadores explicam: “Criamos essa trupe, que age exclusivamente no desfile cênico, e demos nome a ela de Trupe Palácio Trepidante, em homenagem ao Palácio Guapi que está balançando mas ainda não caiu”.



Foto: Haroldo Carvalho Cruz Jr

O segundo fruto foi um espaço que representa a permanência, ou resistência, como o os membros do Coletivo preferem dizer, da proposta artística do Sala Preta no mapa de Barra Mansa. Em 2010, o Coletivo Sala Preta recebeu da Prefeitura um espaço conhecido como Galpão dos Pequenos Animais, e em 2011 o apoio municipal foi ampliado com a transferência para o atual “quartel-general” do grupo, um galpão de 400 metros quadrados batizado de Sala de Espetáculos Tulhas do Café, localizado no Parque da Cidade, no centro de Barra Mansa. Após um longo período de reformas, realizadas pela Superintendência de Obras e Serviços Públicos (Susesp) de Barra Mansa, e seguindo uma estratégia de ocupação gradativa, o antigo depósito de mobiliário da Secretaria de Educação – e que nos anos 60 serviu de espaço de detenção e tortura de presos políticos – se transformou em um equipamento cultural dotado de auditório, espaço para ensaios, salas para confecção de figurinos, e cenotécnica.

Apenas em 2014 o Tulhas do Café ficou pronto integralmente, oferecendo a estrutura de camarins, ateliês, cozinha, banheiros etc., o que incrementou o caráter formativo do projeto, através de novas oficinas, como as de produção teatral, indumentária, produção de adereços, música e criação de trilha sonora, que contaram com o patrocínio do SESI.

Em toda a atividade pedagógica do grupo, além dos conhecimentos técnicos transmitidos, está sempre presente a dimensão política do projeto Nasce uma Cidade. Na oficina de produção, por exemplo, a ideia foi despertar o interesse de novos produtores para criarem e realizarem iniciativas culturais ocupando outros espaços da cidade, seguindo a mesma filosofia da aposta na potência dos coletivos, nas adesões e parcerias. “Eu acho que a gente deve pensar melhor sobre a economia criativa e ser mais economicamente criativos, fazer mais com menos”, provoca Rafael Crooz. “A FIRJAN está sendo responsável por ajudar a construir e conectar uma rede de práticas culturais que buscam múltiplas identificações sociais, e o melhor, na rua”, complementa Crooz.



Foto: Divulgação

A música é a veia

“Os prédios de Barra Mansa
Vão caindo pelo chão
O patrimônio que resta
É aquele que está no peito da população
– Estacionamento não!”

O trecho da música “A Chegada do Circo”, de Bianco Marques e Rafael Crooz, dá uma amostra de como a trilha sonora pode suscitar reflexões sobre os rumos do patrimônio material, por exemplo, chamando a população a se identificar e mesmo expondo diretamente reivindicações.

No programa impresso da edição de 2014, Bianco Marques apresenta a concepção musical do espetáculo: “petulante, coloquei música nas palavras de Clécio (Penedo), Lacyr (Schettino) e Fávio (Carvalho). O Rafa também foi meu parceiro, através das letras que ia me enviando ao longo do processo, via SMS. A música é a veia do Nasce, assim como o som é a alma de uma cidade”.

Marques foi responsável pela oficina que teve início em junho e transformou o trabalho de criação da trilha em mais um processo coletivo, que ele narra em seu texto no programa: “A oficina foi um laboratório onde o som era pesquisado e o espetáculo se torna o ambiente prático do experimento. Um exemplo disso é o trem, o nosso marco sonoro barra-mansense. Nós o escutamos atentamente, gravamos, buscamos recriar sua sonoridade a partir do lixo e hoje multiplicamos nossas descobertas por 10, com a ajuda dos Meninos do Batuque, para devolver à Barra Mansa o seu amado (?) som do trem, agora deglutido, recriado e transformado em personagem, um feroz trem de memória”.

Fontes de pesquisa:

<https://www.youtube.com/watch?v=lgTu5zHOsQo&feature=youtu.be>

<https://www.youtube.com/watch?v=MaaUI3M4pYM>

<http://salapreta.wix.com/nasce>

REDE CRIATIVA SESI CULTURAL

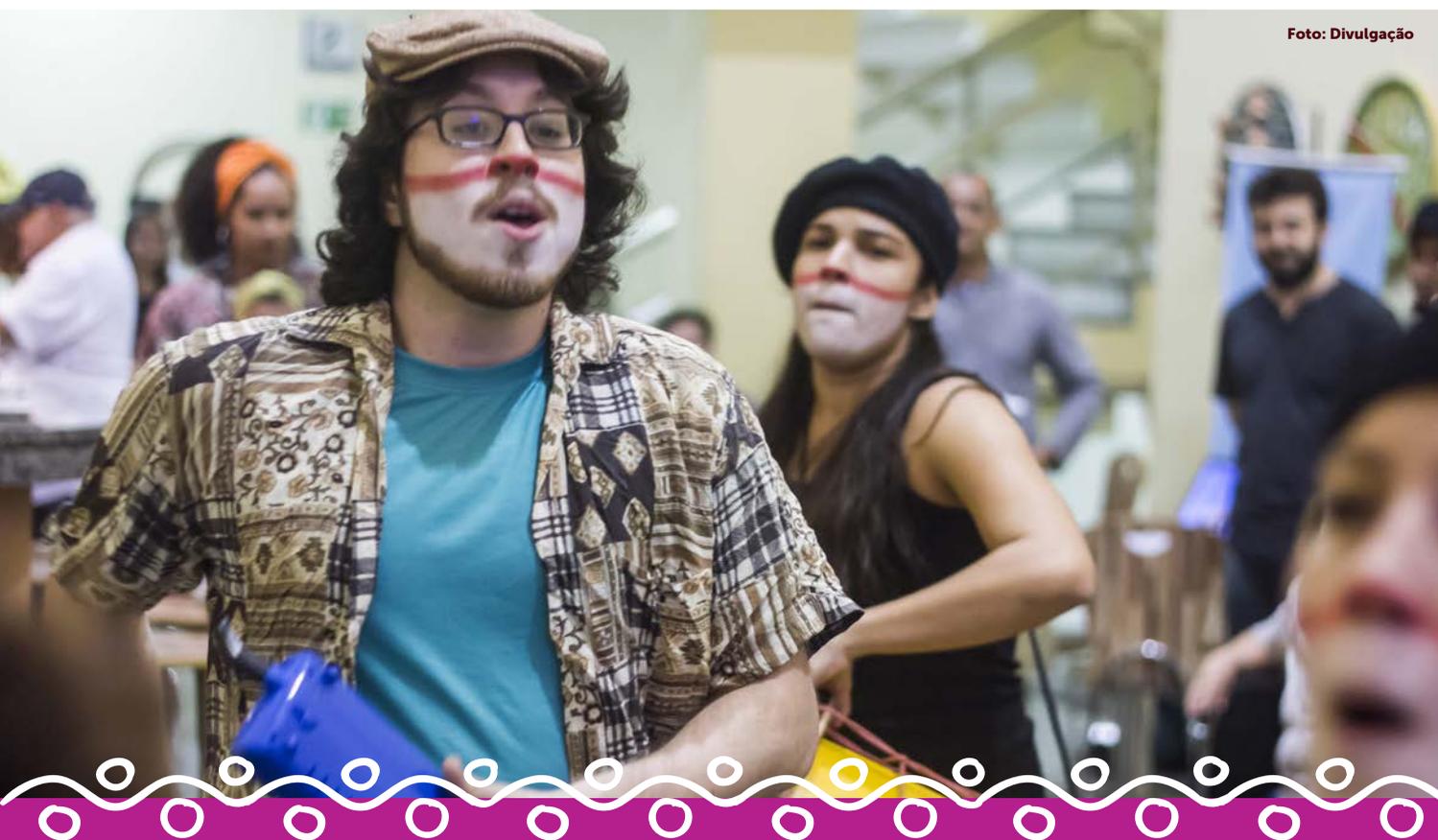
Durante o evento “Café com Cultura, o Show”, em dezembro de 2014, o jovem cantor e compositor Elvis, que se apresenta ao lado do violonista Lucas Bittencourt, parece muito à vontade. De calça jeans, descalço, se movimenta bastante pelo palco, dialoga com a plateia, brinca, e no final da apresentação, se despede com esta fala:

“Eu acho importante ver isso aqui, olha que legal, a gente vindo ao teatro assistir aos artistas, e de repente é nosso vizinho, que mora no nosso bairro, que é nosso amigo. É muito bacana, porque a gente sabe que a arte é um terreno meio áspero, né. Se você decide ser artista, é uma caminhada bem difícil. Aí quando a gente tem essas oportunidades é sempre bom mostrar que a gente tem um trabalho, e vocês aplaudem a gente, e a gente fica feliz pra caramba!” (seguem-se aplausos efusivos).

A informalidade e o tom sincero são marcas da Rede Criativa SESI Cultural, iniciativa que surge no teatro do SESI Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, e que já se desdobra na Rede Criativa da Zona Oeste, ancorada no teatro do SESI de Jacarepaguá.

A proposta parte da percepção de que o teatro pode desempenhar um papel destacado como catalisador de uma mobilização em rede dos artistas da própria região. Em paralelo à sua função tradicional de provedor de acesso a produções musicais e teatrais consagradas, o espaço poderia ser aberto a um público mais específico: os artistas profissionais e amadores do seu entorno, cujas necessidades variam tanto quanto as possibilidades de cooperação e articulação. Nas palavras de Fábio Santini, chefe de Cultura do Teatro do SESI Duque de Caxias e autor do projeto, a Rede Criativa “nasce da inquietude de romper os muros do teatro”:

“A ideia era que a gente pudesse sair da burocratização institucional e pudesse inserir o espaço do teatro no cotidiano dos artistas da região. Que houvesse uma apropriação. A proposta inicial era que nós pudéssemos levantar esses núcleos que já produzem cultura há anos, são guerrilheiros da cultura, e pudesse dizer: esse espaço é seu”.



O primeiro chamado aconteceu no dia 30 de abril, que é o Dia da Baixada, com uma programação de mesas de debate abertas ao público. Ali estavam reunidos, debatendo questões relevantes para suas ações, artistas que viriam a participar da Rede, e um público de pessoas da região interessadas em arte e cultura. “No primeiro momento, nós buscamos reunir todos os segmentos: artes cênicas, dança, cinema, artes plásticas, arte urbana; e criar um espaço de troca de experiências. Porque muitos deles não se conheciam”, relembra Fábio, que conseguiu o resultado indireto de divulgar ainda mais o teatro para os municípios vizinhos através da Rede. “Eles são de Duque de Caxias, de Belford Roxo, Nova Iguaçu, São João de Meriti... De toda a Baixada”, destaca.

O segundo passo foi o que Fábio chama de “ocupação”. Abrir o espaço para quem precisava de lugar para ensaiar, por exemplo. E para manter o diálogo com o grupo, surgiu o “Café com Cultura”, uma série de encontros informais realizados mensalmente ao longo do ano de 2014, onde dezenas de artistas e produtores culturais conversavam sobre seus trabalhos, suas demandas e perspectivas. Uma estratégia para transformar o teatro em um ponto de encontro, como Fábio explica:

“Fazemos o Café com Cultura no hall do teatro, que é pequeno, mas tem um ‘palquinho’, e às vezes os artistas espontaneamente decidem se apresentar para mostrar algum trabalho. É muito informal, não tem inscrição, é só chegar. No final do primeiro encontro eles já começaram a trocar figurinhas, tipo um artista plástico se oferecendo para fazer o cenário de uma peça de teatro, um músico propondo fazer a trilha sonora; ou uma banda pedindo para outra fazer a abertura do seu show”.

Mais do que oferecer um teto para os encontros, o SESI abre, para esses artistas, as portas de um teatro de verdade. Com poltronas confortáveis, luzes móveis, microfones, mesa de som, caixas amplificadoras, tudo de qualidade profissional. Para um artista iniciante, e mesmo para artistas com décadas de trajetória, mas que não estão inseridos no mercado neste momento, um palco pode ser tudo. É do que precisa quem tem um trabalho pronto para mostrar, quem quer fazer conexões e conquistar ou reconquistar seu público. Para quantos artistas e grupos, especialmente os que estão na periferia, com menos recursos, o acesso ao palco de um teatro de verdade é um sonho que leva anos para se realizar?

A “ocupação” do teatro pela Rede Criativa ganhou visibilidade na região com a realização do evento “Café com Cultura, o Show”. Numa noite aberta para que os públicos de cada artista da Rede pudessem conhecer as diferentes atrações, os próprios membros da Rede testavam suas parcerias pela primeira vez e conheciam os trabalhos uns dos outros num palco profissional, sem a informalidade que marcava os encontros do “Café”. Nesta noite, falas como a do músico Elvis confirmaram que a premissa do projeto da Rede estava correta. A articulação em rede ajuda a encontrar soluções sob medida para atenuar a “caminhada difícil” e o “terreno áspero” que cada artista enfrenta em sua trajetória. O palco aberto a esta rede torna possível que o público que está mais próximo reconheça a obra dos artistas locais e que estes artistas reconheçam sua potência coletiva.



O fato de ser todo mês (sempre na primeira quarta-feira) mantém a Rede ativa, e novos artistas estão sempre chegando. Enquanto alguns procuram espaço para ensaiar, outros para se apresentar, há os que precisam mais de apoio moral, incentivo, motivação. E há até os que não precisam, mas oferecem ajuda. Estão em busca de parceiros e visam fortalecer o movimento artístico da região. No primeiro “Café com Cultura, o Show”, a programação trazia o compositor e cantor Beto Gaspari, que, com 27 anos de carreira, possui público cativo; e um de seus ex-alunos no curso de canto e violão que ministra no próprio espaço do SESI em Duque de Caxias, o também cantor e compositor César Augusto, cuja carreira ainda não completara um ano. O curioso é que o vídeo que registrou o evento mostra uma plateia tão receptiva ao primeiro, quanto ao segundo.

A diversidade de propostas, de bagagens e de demandas é o tempero especial da Rede. Ao mesmo tempo em que há artistas experientes e estreadores, há aqueles que há muito tempo produzem, mas nunca o fizeram profissionalmente e sequer se consideram artistas. Este é o caso da dupla de cantores e compositores Marcelo e Antônio. Vizinhos, amigos desde os 18 anos, atualmente na chamada terceira idade, se aproximaram da Rede pensando em colocar finalmente a música como prioridade em suas vidas. “Sempre cantamos e compomos, mas levamos isso como um hobby. Agora a gente resolveu levar mais a sério. Já temos tanta coisa composta, tantas músicas, vamos começar a mostrar pras pessoas. Tentar entrar no circuito do SESI, fazer as Lonas Culturais, circular por aí e gravar um CD.”

Na outra ponta, está o compositor, instrumentista, cantor e produtor musical Marcelo Peregrino, que também é contador de histórias e fundador do Coletivo Pirão Discos. Prestes a lançar seu segundo disco solo pelo próprio selo, ele explica no Café com Cultura a proposta do coletivo: “A Pirão surgiu com a necessidade do território, principalmente aqui na Baixada, que tem muita gente, muitos parceiros, que têm músicas boas, compõem, mas não têm como registrar esse trabalho. Porque não têm estúdio, não têm uma grana, não têm um microfone decente. Quer dizer, um insumo tecnológico qualquer, um apoio qualquer.



A Pirão veio para trabalhar nisso aí. Para dar um pouquinho de espaço para essa galera conseguir registrar o seu trabalho”, apresenta Marcelo, conhecido como Perê pelos parceiros de Nova Iguaçu, onde mora e mantém sua produtora/estúdio.

Fábio Santini acrescenta mais um exemplo, entre dezenas de outros: “Tem um grupo em Caxias que está completando 18 anos, é o Arte Popular. Eles se sentiram tão valorizados depois de participar pela primeira vez do Café com Cultura, e de perceber que o espaço do teatro estava aberto, que se motivaram a montar um espetáculo comemorativo dos 18 anos, que vai ocupar a grade do teatro e depois provavelmente vai circular por outros espaços”.

A Rede Criativa funciona também como espaço de formação, qualificação e profissionalização. Santini comenta que, por conta da burocracia de praxe da gestão do teatro, alguns artistas tiveram de se tornar MEI (Microempreendedor Individual) para fornecer nota fiscal e poder receber por serviços prestados. A assessoria técnica neste processo é um dos benefícios que a Rede oferece, ainda que informalmente.

As possibilidades surgem de forma dinâmica, de acordo com as demandas. Os próprios membros da Rede capacitam uns aos outros, por exemplo, na questão da divulgação de trabalhos em meio digital, através das mídias sociais. Marcelo Peregrino é divulgador da plataforma SoundCloud, de compartilhamento de músicas: “Hoje com essa questão da distribuição digital você não precisa fazer disco físico, você pega, gravou, jogou na rede, por ali mesmo a coisa já vai se difundindo”, comemora. Visitando as páginas de alguns membros da Rede no Facebook é possível constatar que eles mantêm uma parceria ativa na divulgação das atividades uns dos outros.

Em um dos intervalos entre apresentações na noite do “Café com Cultura, o Show”, a plateia presenciou este divertido diálogo entre Fábio Santini e o músico Elvis:

“Quais são os seus planos para 2015, Elvis?”

“Fábio, você foi o cara que me disse que eu precisava comprar uma agenda. Eu já comprei a agenda. Mas eu ainda não tenho planos!” (segue-se gargalhada geral).

Conhecendo-se, encontrando-se, dialogando, aplaudindo-se, estabelecendo conexões e parcerias em diversos níveis, da troca de serviços nos bastidores ao apoio na divulgação de agendas via redes sociais, aprendendo juntos, se organizando, os representantes da produção cultural de Duque de Caxias e municípios vizinhos formaram um coletivo com uma identidade territorial forte, que nem todos percebiam com clareza em seus trabalhos antes da formação da Rede Criativa Sesi Cultural na Baixada.

A semente dá frutos do outro lado da metrópole...

Em novembro de 2014, espelhando a bem-sucedida iniciativa da Baixada Fluminense, foi lançada a Rede Criativa Sesi Cultural edição Zona Oeste. Desta vez, a articulação contou com maior divulgação, cujo texto, que apresentava a Rede Criativa como parte de uma estratégia com o objetivo de atingir “um desenvolvimento cultural, local e plural”, anunciava a intenção de expandir o modelo para outras localidades.

Uma proporção relevante de representantes de instituições e empresas, em relação às participações individuais e de coletivos informais da versão da Baixada, deixou claro que cada Rede Criativa deveria ter um modelo próprio, refletindo as características culturais e socioeconômicas de cada região.

Entre os mais de 40 integrantes fundadores da Rede Criativa da Zona Oeste, encontram-se desde a Escola SESC de Ensino Médio, também localizada em Jacarepaguá, passando pelo Museu Bispo do Rosário, na Colônia Juliano Moreira, e por centros culturais comunitários como o Espaço Cultural Láencasa, de Sulacap, até companhias de dança e teatro, bandas musicais e coletivos de artistas de diversos segmentos. Produtoras de vídeo e outras empresas prestadoras de serviços completam o conjunto de representantes de instituições, enquanto as participações individuais envolvem professores de música, teatro e dança, instrumentistas, produtores culturais, gestores de projetos sociais em áreas de baixa renda.

Leonardo Minervini, produtor cultural e programador do Espaço Cultural Escola SESC, integrante da Rede, vê nesta aproximação entre instituições privadas e indivíduos ou coletivos da sociedade civil o principal mérito da iniciativa. “A Rede Criativa é uma ação fundamental de articulação entre instituições como a Escola SESC, o próprio SESI, entre outras que se destacam na área cultural do território de Jacarepaguá e da Zona Oeste como um todo, e coletivos da sociedade civil, produtores, gestores, artistas. Essa conexão é o que permite pensar coletivamente políticas culturais para a região.” Leonardo, que esteve presente em todos os encontros já realizados, vê mais um impacto positivo no fato de que a Rede “humaniza” as instituições, mostrando “as pessoas por trás das empresas”. Ele destaca ainda que o desenvolvimento cultural local nos dez bairros que compõem a Região Administrativa de Jacarepaguá faz parte da missão do Espaço Cultural da Escola SESC, e portanto a sua participação na Rede é natural e do máximo interesse da instituição.



No caso da Zona Oeste, a proposta de articulação de parcerias entre os que atenderam ao chamado da Rede resultou numa discussão abrangente sobre os rumos da cultura da região. No lugar de novos projetos de ações artísticas, o grupo logo se debruçou sobre a criação um novo fórum, capaz de elevar o propósito da Rede para além dos limites do teatro do SESI: a criação do Polo de Cultura Criativa da Zona Oeste, que visa incentivar o surgimento de projetos artísticos e oferecer visibilidade e oportunidade para agentes culturais da região, além de “impulsionar a organização e capacitação da economia criativa na Zona Oeste, e de gerar oportunidades de sustentabilidade de uma nova cadeia de produção cultural criativa na região”.

Segundo o coordenador do teatro, Zecarlos Moreno, “O Polo é fruto da Rede e promove ações independentes, mas sempre articuladas com ela. Ele possui uma agenda própria, mas que dialoga com a do teatro, evitando, por exemplo, esvaziamento das iniciativas e sempre somando esforços”.

Moreno destaca ainda a criação de um catálogo contendo todos os dados de contatos e principais atividades desenvolvidas por cada integrante da Rede, ao qual todos têm acesso, e que é atualizado a cada encontro com os dados dos novos participantes. “A partir da oferta do teatro como um ponto de encontro entre instituições e artistas, e com o catálogo que é disponibilizado a todos, surgem possibilidades diversas, pois eles fazem contatos diretos entre si, e nós funcionamos apenas como um dos elos”, acrescenta.

Mais uma peculiaridade da Rede Criativa da Zona Oeste foi a contratação da empresa Vinil 69 Produções, que assumiu a produção executiva da Rede. “A Vinil é a empresa do Vinícius Longo, um artista muito ativo e articulador aqui na região, responsável pela Companhia Dois Banquinhos, que trabalha com palhaços e artistas de rua. Eles já seguiam esta diretriz de batalhar pelo desenvolvimento da cultura na Zona Oeste, e por isso se ofereceram para ocupar essa função que era uma demanda nossa, porque eu não tinha braços para assumir sozinho toda a operação da Rede”, explica Moreno.

Assim como no caso da Baixada, após uma primeira reunião para a troca de experiências e reconhecimento mútuo, houve uma sequência de encontros periódicos e, por fim, uma programação inaugural aberta ao público, batizada de Feira Rede Criativa e Palco Aberto, reunindo artistas e instituições.

A diversidade de interesses, demandas e ofertas se destaca mais uma vez como a principal potência da Rede. A presença de atores e músicos independentes ao lado de companhias, coletivos e bandas, de professores de diversos segmentos ao lado de escolas e instituições com ações formativas, de alguns centros culturais com instalações ociosas e outros com atrações aguardando destino para liberar espaço são apenas alguns dos potenciais arranjos produtivos apresentados.

...E uma nova Rede brota no Norte Fluminense

A mais jovem Rede Criativa SESI Cultural foi lançada em Campos, segundo maior município do estado, em abril de 2015. A proposta é a mesma das antecessoras: fazer do Teatro do SESI um ponto de encontro e um espaço aberto para a produção cultural da região, que abrange cidades como São Fidélis e São João da Barra, cujas manifestações artísticas diferem radicalmente daquelas realizadas na Baixada Fluminense e na Zona Oeste carioca. A própria distância física entre os produtores culturais e as dificuldades de comunicação típicas da zona rural já estabelecem um ritmo próprio para as ações da Rede.

“Ainda estamos começando, fizemos dois encontros marcados por eventos que atraíram cerca de 50 pessoas cada, e no final realizamos debates sobre temas relacionados à cultura. Registramos a presença de profissionais e estudantes ligados à música, teatro, cinema e artes plásticas, mas ainda não iniciamos a etapa de elaboração de projetos coletivos, o que deve acontecer naturalmente nos próximos encontros”, comenta o chefe de Cultura do Teatro SESI de Campos, Luiz Fernando Crespo Rossi.

As reuniões da rede acontecem toda última quarta-feira do mês. Na primeira, uma produção audiovisual local foi lançada com a presença dos realizadores e um debate após a exibição. Além de incentivar as diversas possibilidades de trocas entre os membros da Rede, outro objetivo é abrir espaço para novos talentos. “O Norte Fluminense é uma região muito rica culturalmente, por isso achamos oportuno criar um ambiente de convergência para todos os movimentos e vertentes culturais”, afirma Rossi.

Fontes de pesquisa:

<http://piraodiscos.blogspot.com.br/>

<http://www.firjan.org.br/data/>

<pages/2C908CEC48EB239A01491FDECB9A3C2D.htm>

<https://www.facebook.com/events/1552564845010070/>

Veja abaixo a programação completa dos eventos “Café Com Cultura, - O Show” (Baixada) e “Feira Rede Criativa e Palco Aberto” (Zona Oeste):

Programação completa Feira Rede Criativa e Palco Aberto:

14h – Abertura do evento

14h às 18h – Feira Rede Criativa

Feira com participantes representativos da Zona Oeste, que tenham o que falar, ouvir e oferecer ao público da economia criativa da região, estabelecendo trocas entre o público presente. Com os participantes: Ministério da Cultura, Escola SESC de Ensino Médio e Museu Bispo do Rosário e Vinicius Giffoni.

15h às 17h – Café Cultural

Encontro entre interessados e trabalhadores da cultura criativa da Zona Oeste. O encontro se dará através de curtas dinâmicas de apresentação dos participantes que buscarão responder: “Quem eu sou? O que eu faço? O que eu posso oferecer? O que eu preciso?”. Após essas dinâmicas de conversas será aberto para um espaço, onde as pessoas poderão realizar conversas livremente, a fim de trocar parcerias e contatos de acordo com seus interesses.

18h às 21h – Palco Aberto

Show de apresentações artísticas de forma ininterrupta, alternando linguagens, com os participantes da Rede Criativa, mostrando a qualidade e diversidade artística da Zona Oeste, através de curtas apresentações, de forma gratuita ao público, com os participantes:

Banda Cudiná; Produtora Guapoz; Banda Arame na Lapela, Projeto Circuitural, Cia Teatral Evoé e Cia de Arte Cadê.

Zecarlos Moreno - Chefe de Setor Cultura (JCOSILVA@firjan.org.br)
SESI JACAREPAGUÁ - Tls.: 3312-3753; 99573-8070

Programação do Café com Cultura, o Show: (solicitar)

Fábio Santini - FSOUZA@firjan.org.br / Chefe de Setor Cultura
SESI DUQUE DE CAXIAS - Tels.: 3672-8341 / 9573-9493



X-TUDO

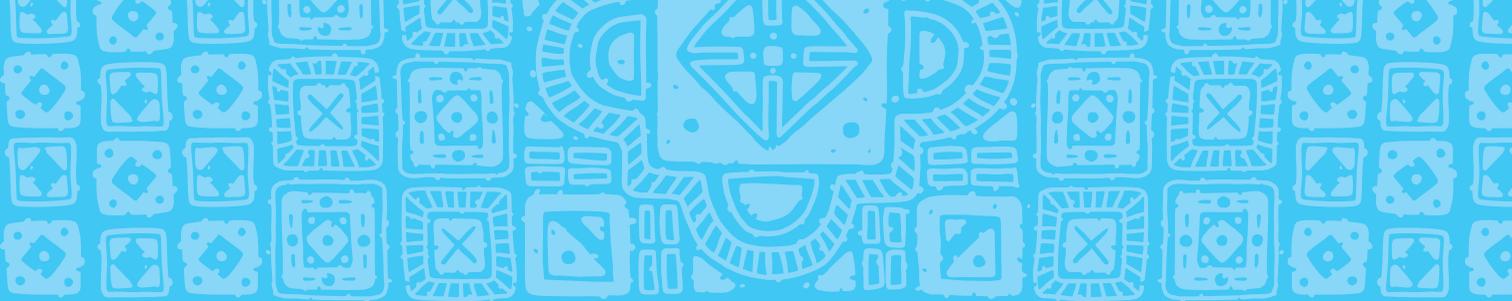
Quais são os elementos característicos do carioca do ponto de vista da expressão artística? Como representar a identidade cultural do Rio de Janeiro? Como traduzir um jeito de ser, um estado de alma, uma “anima” que iguala todos os que nasceram ou escolheram esta cidade para viver? Com estas perguntas em mente, a equipe da Gerência de Cultura e Arte do SESI-RJ formulou o projeto X-Tudo Carioca, um festival concebido para celebrar a diversidade que está no DNA do povo carioca, fluminense, e brasileiro.

“O Rio de Janeiro é uma cidade em que convivem – e digladiam-se – realidades extremas. É necessário que os espaços para essas expressões sejam amplos e arejados, rompendo limites, fronteiras geográficas e de poderes, que tornam opostos ‘favela’ e ‘asfalto’, arte da ‘Zona Sul’ e da ‘Zona Norte’, a arte ‘investigativa’ e a ‘popular’.” Com essas palavras, Fabiana Scherer, gerente de Cultura e Arte do SESI, apresentava a programação da primeira edição do X-Tudo, em 2010, que ao longo de 15 dias trazia atrações de todos os segmentos culturais, vindas em sua maioria de regiões periféricas, e ocupando os teatros do SESI no Centro, em Jacarepaguá e em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

A questão do foco territorial ganhou relevo ao longo da trajetória do X-Tudo, que após a primeira edição teve seu nome adaptado para X-Tudo Cultural. A palavra “Carioca” logo se mostrou um obstáculo para que os espaços do SESI nos municípios do interior do estado aderissem. Com o passar dos anos, a dimensão territorial da proposta foi sendo naturalmente ampliada. Mas a raiz do projeto já discutia, de maneira bastante peculiar, a relação entre centro e periferia, visando misturar conscientemente esses aspectos.

“O primeiro X-Tudo coincidiu com o início da implementação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) em favelas do Rio de Janeiro”, relembra Fabiana. “Diversos projetos sociais que se dedicavam à formação artística estavam se fortalecendo ou sendo criados nas comunidades, tanto as ‘pacificadas’ quanto as que ainda não tinham UPP. Mas nós sentíamos que faltava espaço para a divulgação mais ampla dos resultados destes trabalhos. E também queríamos dar a oportunidade para esses jovens artistas se apresentarem num espaço profissional, recebendo cachê, fazendo todo processo que um artista profissional tem que fazer. A gente queria juntar essas pontas, e dar visibilidade a alguns desses trabalhos que sabíamos que eram fantásticos.”





Os principais desafios seriam, em princípio, selecionar trabalhos que pudessem se adequar ao formato de um espetáculo com uma hora de duração, e com qualidade de nível profissional, além de atrair o público para conferir o resultado. Ambas tarefas foram concluídas com êxito na edição de estreia. A curadoria das atrações “periféricas” coube à produtora cultural Marli Fernandes, da Cooperac – Cooperativa de Agentes Culturais. E para ampliar a visibilidade do evento, artistas já consagrados foram convidados a integrar o programa.

Um texto de Nelson Rodrigues foi encenado pelo Grupo Nós do Morro, do Vidigal, e a companhia Favela Força, da Vila Cruzeiro, apresentou sua “Favela Rouge”, montagem que transpõe a aura dos cabarés para uma favela carioca. Já a Cia. Instável de Teatro, de João Falcão, apresentou o espetáculo “Clandestinos”, vindo de temporada de sucesso no extinto Teatro Glória. “Junto e Misturado” era o nome do show do Afro Circo, do núcleo do AfroReggae no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho. Já grupo Roda Gigante, com 15 anos de pesquisas sobre a arte da palhaçada, apresentou a montagem “O Sentido da Vida”.

A ONG Cidadela, focada em produção cinematográfica, exibiu seu primeiro longa-metragem, o filme de ficção “Cartão-Postal”; enquanto a Produtora-Escola Cinema Nosso, também de audiovisual, fez uma exclusiva mostra de curtas de seus alunos. Do lado dos “consagrados”, por sua vez, o cineasta carioca Cacá Diegues apresentou “5 X Favela”, Agora por Nós Mesmos - “O Documentário”, que assina como produtor, e levou os autores dos cinco episódios da obra homônima de ficção para um debate com a plateia.

A Orquestra de Cordas AfroReggae executou um repertório com Bach, Vivaldi, um pot-pourri nordestino e até Michael Jackson, e a banda MNR – Movimento na Rua trouxe de Vila Aliança sua pesquisa musical mesclando ritmos como samba, hip-hop, rock, reggae e soul. Ainda no segmento musical, o elenco contou com o grupo de percussão Batuque Et Batucada, de Brás de Pina, o Grupo de Break Consciente da Rocinha (GBCR), e o músico Pedro Moraes homenageando Walter Alfaiate.

A moda produzida por costureiras de cooperativas em diversas comunidades foi desfilada por modelos da agência Dream Models, da Rocinha. Exposições fotográficas reuniram trabalhos dos fotógrafos Maurício Hora (Morro da Providência), Thiago Firmino (Santa Marta) e diversos outros, destacando-se os integrantes da Agência-Escola Imagens do Povo, sediada no Observatório de Favelas, no Complexo da Maré. O artista visual Gilmar Ferreira, morador da Cidade de Deus e ex-interno da Colônia Juliano Moreira realizou mostra individual. E teve muito mais.

O X-Tudo reuniu o que havia de mais consistente na produção cultural de favelas e periferias da cidade, e temperou a receita com atrações destacadas tanto no circuito mais tradicional, como o do samba, com Neguinho da Beija-Flor, quanto no alternativo e de vanguarda, com a Cia. Teatro Independente, o Instituto do Ator, e a Cia. Arquitetura do Movimento, da dançarina Andrea Jabor. Sucesso total.

No ano seguinte a proposta se consolidaria, “seguindo um formato não competitivo e expressamente coletivo ao apresentar realizações ainda distantes dos acessos ao tradicional eixo cultural”, segundo texto de Fabiana Scherer e Marli Fernandes, que desta vez atuava como coordenadora executiva, passando a curadoria para a batuta de artistas e produtores dos cinco segmentos: Guti Fraga, diretor do Nós do Morro (teatro); a bailarina Andrea Jabor, fundadora e diretora da Cia. Arquitetura do Movimento (dança); Guilherme Whitaker e Marcus Vinícius Mannarino, fundadores do Curta o Curta (audiovisual); Marcelo Frazão, do Ateliê Vila Olívia (artes plásticas); e o cantor e compositor Léo Jaime (música).

Em 2011, apesar da presença de revelações como a Cia. de Dança do Samba, formada por dançarinos sambistas de Madureira e adjacências, a Cia. de Teatro Provocação, dirigida por Adilson Dias, ex-morador de rua, e composta por atores de diversas comunidades cariocas; e o grupo teatral Nós da Baixada; a programação teve uma proporção maior de artistas mais experientes, também frequentadores de circuitos fora do eixo main stream da cidade.

Uma novidade marcante da segunda edição foi a criação da Rádio X-Tudo Cultural, pilotada pelo mesmo Thiago Firmino, fotógrafo do Santa Marta e expositor na edição anterior, que também atua como DJ e pilota uma rádio na comunidade.

“No segundo ano nós sentimos a dificuldade de encontrar tantos grupos com trabalhos de uma hora de duração para apresentar no teatro ao longo de uma semana. Infelizmente é difícil os projetos conseguirem financiamento para investir em produções novas, e isso acaba desestimulando parte dos artistas que se formam nestes espaços. Ainda assim, fizemos um programa com artistas de origens e propostas diversas, mantendo o foco nessa questão da diversidade e da essência da identidade cultural carioca”, explica Fabiana.

O programa da terceira edição apresentava o X-Tudo como “um dos grandes projetos do Sistema FIRJAN” e abordava os resultados da iniciativa: “desde 2010, a mostra levou, gratuitamente, cerca de 50 atrações aos teatros SESI. Espetáculos de teatro, música e dança, além de exposições de artes plásticas, emocionaram, divertiram e transformaram aproximadamente 10 mil espectadores no estado do Rio”.

Como forma de manter e aprofundar a oferta de acesso a espaços profissionais de produção e difusão cultural para jovens artistas, o terceiro X-Tudo abriu oficinas de criação para estudantes de artes cênicas e dança, cujos resultados foram apresentados como parte da programação do festival, ao lado de atrações profissionais. Os curadores, no caso destes dois segmentos, fizeram também a seleção dos novos talentos que formaram as turmas e o convite para os artistas que os conduziram nas oficinas.

Novamente à frente do programa de dança da mostra, Andrea Jabor convidou Alex Neoral, Cristiana Cavalcante e João Saldanha para ministrar oficinas, e ainda Henrique Rodvalho, coreógrafo da Quasar Cia. de Dança, para orientar um grupo de alunos em uma residência artística que rendeu quatro trabalhos solos exibidos



durante o X-Tudo, dividindo a noite com a remontagem do premiado espetáculo “Triálogos”, do coreógrafo Luiz Mendonça. O programa de dança contou ainda com apresentações da Lia Rodrigues Cia. de Dança e da Cia. Híbrida.

A programação teatral ficou a cargo de Miguel Colker, que convidou o diretor Daniel Herz e a atriz Dani Barros para ministrarem as oficinas, e escalou o grupo Tá na Rua, a Cia. Físico de Teatro e o Nós do Morro, para a apresentação de montagens destacadas em seus repertórios.

Nas artes plásticas, o grafiteiro e produtor cultural Airá Ocrespo convocou oito expoentes do grafite carioca contemporâneo (Leandro Tick; Rômulo Sesh; Zeco; Anderson Duim; Thiago Tarm; Wark; Camiz; Raphael Phar) para refletirem o momento vivido por suas respectivas comunidades através do tema “A Cor da Paz”.

A curadoria de música foi realizada em parceria com a Rádio MPB FM, tendo a produção do programa FaroMPB como responsável pela programação que uniu um festival de bandas novas a shows de revelações como a Orquestra Voadora, a dupla carioca Letuce e o cantor Daniel Chaudon.

O X-Tudo chega em 2013 mais robusto e repleto de novidades, como a presença de atrações internacionais, artistas de projeção nacional, e a inclusão de dois novos segmentos: cultura digital, através de uma mostra paralela que envolve novas tecnologias e audiovisual; e hip-hop, que ganha programação própria com foco no intercâmbio entre países de língua portuguesa, batizada de “Terra do Rap”. O programa de oficinas é mantido e ampliado, com a inclusão de diversas palestras gratuitas.

Enquanto a seleção dos espetáculos teatrais é unificada a partir do edital SESI Cultural, Miguel Colker cuida da programação de dança, o produtor Léo Feijó assume a curadoria musical, Ivan Ramos a de cultura digital e Charles Siqueira a de artes plásticas. Entre os artistas convidados a ministrar oficinas, destacam-se o ator Chico Diaz, a dançarina Anyel Aram, o músico Léo Arruda, o artista digital Henrique Roscoe e a rapper Dama Bete.

No programa, os artistas consagrados incluem nomes de peso como a cantora Zélia Duncan e o “pai” do hip-hop, o norte-americano Afrika Bambaataa. A cantora Bia Bedran, ao lado de outras atrações vinculadas ao programa Rádio Maluca, inserem o público infantil no contexto do X-Tudo, e entre as atrações musicais em ascensão, a cantora Silvia Machete e a banda Do Amor. No segmento teatral, o principal destaque do programa é o ator Júlio Adrião com o premiado e viajado (pelo Brasil e exterior) monólogo “A Descoberta das Américas”.

Ainda no rol das novidades, a exposição “X Tralha” reuniu, sob curadoria de Charles Siqueira, artistas e coletivos de diversas comunidades para a composição, em grupo, de uma escultura cenográfica a partir de resíduos descartados. “Nós pusemos cartazes aqui na FIRJAN pedindo que as pessoas trouxessem materiais recicláveis, e funcionou muito bem. Durante uma semana os artistas ficaram produzindo, passavam o dia inteiro trabalhando e o público acompanhava, eles produziam numa área aberta. O resultado ficou lindo”, lembra Fabiana.



Ao fim da quarta edição do X-Tudo, após 12 dias e 29 atrações, aplaudidas por mais de 3 mil pessoas, mais de mil vagas de oficinas, palestras e workshops oferecidas, o status de principal evento dentro da política cultural da FIRJAN estava definitivamente conquistado.

Na última edição, em 2014, o X-Tudo manteve a diversidade do segmentos artísticos, com programações de música, teatro, circo, cinema, dança e artes plásticas. Mas o foco nas periferias do Rio de Janeiro já havia sido ampliado de forma irreversível, de modo que a curadoria passa a refletir a identidade da cultura nacional, com suas múltiplas e ilimitáveis referências.

“O X-Tudo oferece ao público um panorama do cenário cultural da atualidade, abrindo espaço tanto para artistas já reconhecidos nacionalmente como para novos talentos locais”, informa o programa. O show de abertura, por exemplo, fica a cargo do cantor Otto, do Recife, com sua mistura de ritmos regionais e música eletrônica, navegando entre tradição e experimentação vanguardista.

O hip-hop se mantém com o Terra do Rap, que realiza um workshop de produção literária/musical, e uma feira de vinil com roda de rima, desafios, e a presença de DJs e rappers. Ao mesmo tempo em que demarca o território conquistado pela cultura de periferia na mostra, o programa continua internacional, com shows de rimadores de Brasil, Portugal e Angola, sob curadoria da Reprodutora.

As oficinas e palestras também são mantidas, mas desmembradas da programação da mostra. As primeiras se dedicam mais à experimentação artística, e para isso são firmadas parcerias com instituições tradicionais de formação, como a escola de música Pro-Arte e a escola de teatro CAL – Casa das Artes de Laranjeiras.

Exibições de filmes de cineastas estreados ou em início de carreira, seguidos de debates, um festival de bandas novas de pop e rock, revelações musicais cariocas como o Rio Maracatu, ou já com relevo nacional como o cantor, compositor e multi-instrumentista Siba são alguns entre os mais de 40 componentes da programação, que se estende por teatros do SESI no estado do Rio de Janeiro, onde o X-Tudo conquista espaço crescente (para além da capital e da Baixada Fluminense, onde está presente desde 2010).

Além da expansão para mais teatros dentro do Circuito SESI no estado do Rio, em 2014 o X-Tudo também ganha as ruas. Atividades são programadas em praças públicas, como a do Largo do Machado, em trechos de movimentadas ruas do Centro, como a Rua Pedro Lessa (ocupada pela feira de vinil e roda de rima), e mesmo a própria Avenida Graça Aranha, rua do Teatro do SESI, cuja fachada se tornou cenário de diversos shows musicais.

Ao que tudo indica, por mais que mude um pouco a cada ano, o X-Tudo tem uma receita de sucesso. E, diferente de um hambúrguer entre dois pães e com muitos condimentos, o projeto do SESI, segundo o ator Chico Diaz, "é muito importante para a saúde deste mundo".



Sistema
FIRJAN



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.